



**O CORPO ELÉTRICO E CIBORGUES NO CIBERESPAÇO:
COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA, TECNOLOGIA E CULTURA DAS MÍDIAS
TRANSMASCULINAS**

Deivid Nascimento de Carvalho¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo tecer reflexões sobre a cibercultura pertencente às transmasculinidades no ciberespaço. Um reflexo de como as mídias sociais de homens trans demarcam trajetórias de sujeitos que utilizam redes de apoio para reconstruir a identidade após um longo itinerário de descobertas de si mesmo. A tecnologia para estes indivíduos conectados à cultura das mídias é, por outro lado, injetada no corpo através da sintetização de testosterona. Reluz às transformações físicas e intervenções cirúrgicas que possibilitam a reinvenção da identidade e intimidade. Para tanto, foi realizada observação etnográfica nas multimídias de homens transgêneros, de modo a centralizar o autorrelato, comunicação contra-hegemônica do conhecimento precarizado sobre cultura trans e anexo da literatura temática para observar como as mídias digitais, a visibilidade e a representatividade transformam vidas de sujeitos que tiveram seu direito de fala silenciado. O autorrelato, a resiliência e a influência transmidiática dialogam com a transfobia, em busca de respeito, dignidade e políticas públicas de inclusão social.

Palavras-chave: Transmasculinidade. Ciborgue. Cibercultura.

ABSTRACT

This article suggests reflections on cyberculture belonging to transmasculinities in cyberspace. A reflection on how trans men social media demarcate the path of subjects who use support networks to reconstruct their identity after a long journey of self discovering. The technology for these individuals connected to the media culture is, however, injected into the body through testosterone absorption. Brighten with physical transformations and surgical interventions that enable the reinvention of identity and privacy. Therefore, ethnographic observation was carried out on transgender men multimedia. In order to centralize the self-report, the precarious knowledge counterhegemonic communication about trans culture added thematic literature to observe how digital media, visibility and representation transform the lives of subjects who had their speak rights silenced. Self-report, resilience and transmedia influence dialogue with transphobia, looking for respect, dignity and public policies for social inclusion.

Keywords: Transmasculinities. Cyborg. Cyberculture.

1 Bacharel em Antropologia, Diversidade Cultural Latino-Americana na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA, PR. 2021). Pesquisador sobre antropologia das emoções, gênero e sexualidade. Documentarista e produtor audiovisual. E-mail: deividncarvalho@outlook.com.



INTRODUÇÃO

A humanização das mídias e a representatividade se tornam estratégias subversivas de conhecimentos historicamente precarizados e patologizantes sobre a cultura trans. Esses elementos combatem relações de poder hegemônicas que subalternizam identidades conforme a classificação social que privilegia discursos legítimos em detrimento de narrativas que recaem à invisibilidade. Este trabalho se refere às revoluções tecnológicas que incidem sobre o sujeito, tanto no poder tecnológico da cultura das mídias na representação e visibilidade da rede digital virtualizada, quanto na implementação da tecnologia para a construção do corpo, na reinvenção da identidade e intimidade. A tecnologia reconstitui a imagem do “novo eu” e, por outro lado, adentra o corpo do sujeito em transformações químicas e mutações fisiológicas na reinvenção do corpo, do sexo e do gênero. A ambiguidade, a confusão de diretrizes compulsoriamente impostas no gênero com base no sexo biológico, a indeterminação do entre-lugar, a união do natural/artificial, humano/máquina, natureza/tecnologia, físico/virtual são, todavia, fronteiras transgredidas em encontros e desencontros.

Assim, este artigo tem o objetivo de esboçar a trajetória de homens transgêneros nas mídias digitais, na aproximação tecnológica na construção de subjetividades e intimidades. Transhomem, transmasculinos, homem trans são identidades transgêneras que se identificam no espectro masculino. Isto é, nasceram socialmente impostos ao gênero feminino, entretanto, se reconhecem enquanto sujeitos masculinos. Para tanto, foi realizado um trabalho de campo nas mídias digitais² transmasculinas, de modo a observar a produção de conteúdo, a comunicação contra-hegemônica, o autorrelato e a

2 São materiais de estudo, divulgações públicas de identidades transmasculinas em mídias digitais: perfis de *Instagram*, canais de *Youtube*, podcasts no *Spotify*, grupos de *Facebook*, blogs no *Twitter*, reportagens da grande mídia hegemônica e mídia alternativa contra-hegemônica. A pesquisa ocorreu em 2018-2020, vinculada ao meu TCC (CARVALHO, 2020). A observação etnográfica, conforme Roberto Cardoso de Oliveira (2000), está em Olhar, no Ouvir e no Escrever: “o Olhar e o Ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica [...] o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (p. 28-29).



subversão de conhecimentos precarizados sobre a cultura trans. Embora seja uma observação etnográfica, não haverá exposição direta desses relatos.

A *Viagem Solitária* (2011) narrada por João W. Nery³ e a autobiografia trans através das redes sociais são, pois, a libertação de sentimentos em segredo durante a travessia transcendente do sujeito. A exposição de imagens e vídeos descritivos sobre a história de vida, o auxílio sobre a “transição”, dicas sobre a manutenção de masculinidade saudável, bem como a inclusão da pauta transgênera em dispositivos de entretenimento da cultura digital transformam vidas que se espelham em sua trajetória. O antes/depois de modificações corporais e a ressurreição do novo *eu* emerge o renascimento do indivíduo na reinvenção da identidade. A publicização de si na rede de apoio virtual relata a reinvenção da intimidade no ciberespaço. A utilização da tecnologia incorporada pelo corpo e, por outro lado, extensora do corpo inaugura, por sua vez, a indeterminação do indivíduo em busca de constantes transformações. Reluz a um intercâmbio entre fronteiras, a manutenção do corpo elétrico pós-humano.

COMUNICAÇÃO, CIBORGUES E CIBERCULTURA: O CONTROLE SOCIAL TECNOLÓGICO E CULTURA DAS MÍDIAS

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mais precisamente a partir da década de 1970, o avanço capitalista demarcado por relações de poder com a União Soviética (URSS) na Guerra Fria (1945-1991) promove abastecimento tecnológico na automação da vida pública e privada, principalmente no que diz respeito aos meios de comunicação, nas transformações culturais da disputa hegemônica da tecnológica como uma arma política. Como mensurado pelo filósofo Paul B. Preciado (2018), na revolução sexual da década de 1960, tecida pelo feminismo, o sexo e a sexualidade são readaptados nesta nova política tecnológica, fomentada por uma indústria cultural que o

3 João W. Nery foi popularmente reconhecido como um dos pioneiros da identidade transmasculina no Brasil. Foi conhecido pela mídia como o primeiro homem transexual a ser operado no país, ao realizar durante a ditadura militar, em 1977, a mamoplastia masculinizadora (retirada das mamas) e pan-histerectomia (remoção do útero, trompas e ovários), 20 anos antes das cirurgias de redesignação sexual serem legalizadas.



autor denomina de *farmacopornográfica*. A terminologia implica na vigência político-econômica do sexo no sistema capitalista, fundamentado pelo saber médico, psicológico e sexológico. Como instituições *biopolíticas*, seguido pelo pensamento foucaultiano, a “existência em questão já não é jurídica, mas biológica, de uma população. O poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população” (FOUCAULT, 1988, p. 129). O corpo é sexualizado por um regime de normas e regras estruturais que controlam o sexo, gênero, sexualidade e identidade como teias de dominação ideológica do capitalismo.

As tecnologias de gênero regulam a liberdade do indivíduo mediante o dispositivo binário, socialmente compulsório. A sociedade *farmacopornográfica* reintroduz a tecnologia de gênero na indústria capitalista. Esse viés político-econômico transforma relações entre sexo e sexualidade em uma instrumentação científica. Trata-se de relações fundamentadas no desejo, na produção e no consumo de subjetividades, bem como de substâncias que invadem o metabolismo no ápice da alucinação farmacológica. Temos como exemplo os viagras e as cápsulas contraceptivas, a sintetização de hormônios, os agentes psicotrópicos e demais fármacos que incidem reações químicas no corpo. A ciência e a tecnologia transformam o sistema sexo/gênero através da produção de bioquímicos, e o conhecimento técnico-científico possibilita modificações corporais, intervenções cirúrgicas e estéticas, redesignação sexual e próteses. A era *farmacopornográfica* também está vinculada à mediação subjetiva do sexo e sexualidade à pornografia e às demais mídias. As projeções imagéticas estão intrinsecamente relacionadas com o consumo, relação de poder e com o capitalismo.

Desse modo, *Testo Junkie* (2018) de Paul Preciado faz diálogo com a incidência de recursos bioquímicos na mente e no corpo humano. Os relatos autobiográficos, embora sejam ficção política, remetem às narrativas da transmasculinização de si, na intoxicação voluntária de testosterona, como afirma o autor. Para tanto, a construção do corpo, porventura, é sintetizado tecnologicamente, uma formulação tecnobiopolítica. A relação de poder determina a produção *farmacopornográfica* no controle da vida e estabelece uma interlocução com Michel Foucault na “História da sexualidade”. Dessa maneira, o humano e a máquina, a sociedade e a tecnologia se fundem na inevitável



interconexão, em simetrias completamente ambíguas, cuja fronteira entre a máquina e o organismo se torna cada vez mais artificial.

O humano integra elementos artificializados e, por outro lado, a artificialidade da máquina se humaniza. Em síntese, os adventos *ciborguianos* sinalizam a manutenção da vida diante da correlação entre o humano e a tecnologia. Os conhecimentos técnico-científicos possibilitam a restauração de órgãos e a substituição de membros para devolver ao corpo suas funções perdidas, ausentes ou deficientes. Os *ciborgues* agem na criação de tecnologias como criaturas pós-humanas, isto é, fundamentadas no aperfeiçoamento humano: “de um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina. É da combinação desses processos que nasce essa criatura pós-humana a que chamamos ‘ciborgue’” (SILVA, 2009, p. 12).

A lista apresentada a seguir ilustra as “intervenções” que vêm afetando os dois tipos de “seres”, contribuindo para confundir suas respectivas ontologias. [...] Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres “artificiais” que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial. Bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humano-elétricos (SILVA, 2009, p. 12).

As tecnologias de informação, por sua vez, reconfiguram transformações culturais ao longo de diferentes épocas. A automação da vida e a tecnologia das coisas são introduzidas socialmente através de práticas econômicas político-culturais em domínio organizacional e se estabelecem enquanto produtos de relação de poder. A ciência e a tecnologia possibilitam reconstruir o corpo e condicionam aperfeiçoamentos que tornam corpos-elétricos e corpos humanos sincronizados entre si. Neste caso, a tecnologia sanciona novas formas de se reinserir socialmente e interagir com o mundo. As máquinas instauradas no final do século XX, como demonstra Donna Haraway (2009) “tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a



mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado” (p. 29). Neste âmbito, a autora não pressupõe o futuro tecnologicamente avançado, mas relaciona o *ciborgue* com o presente, o hoje e o agora das transformações tecnológicas do corpo humano-elétrico. O *ciborgue* também é um carro, um computador, um telefone, uma televisão, um gravador de vídeo, um aparelho de ginástica, isto é: uma interface que permite a interação humana com a tecnologia.

As mídias digitais, por sua vez, são um organismo cibernético, um *ciborgue*, ou seja, híbrido entre máquina e organismo. Primeiro, é uma máquina, um atributo científico-tecnológico interligado em redes comunicacionais que permite a interação humana mediada por uma interface. Segundo, a interface que o indivíduo interage dispõe de simetria sincronizada, interconectada entre corpo/mente e corpo/tecnológico. A naturalidade e artificialidade do corpo humano-elétrico se embaralham, ao se tornarem indistinguíveis - “o ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica” (HARAWAY, 2009, p. 24).

A aproximação que identidades transgêneras possuem com a tecnologia, por exemplo, está estritamente relacionada ao duelo de encontros e desencontros rumo à liberdade, em busca de exercerem a identidade que fora reprimida durante grande parte de suas vidas. A tecnologia está presente na construção da transmasculinidade, na sistematização do hormônio sob o corpo, modificações corporais de curto a longo prazo, em fármacos que auxiliam o desenvolvimento de barbas e pelos. Além disso, faz-se presente nas intervenções cirúrgicas de redesignação de sexo, na obtenção de próteses e nos demais parâmetros tecnologizantes da constituição identitária. O desenvolvimento tecnológico está presente na readaptação autobiográfica do relato de si nas redes sociais, multimídias comunicacionais que possibilitam a publicização destes indivíduos, na visibilidade de suas histórias de vida, na transexperiência protagonista de narrativas diante de telas imersas no ciberespaço.

Todavia, a multimodalidade comunicacional se reinventa à medida que transformações sociais elegem mudanças estratégicas para enunciar uma determinada mensagem. Desse modo, as práticas sociointerativas se complementam no emaranhado



de redes que se inter-relacionam, são compostas de “etapas” de desenvolvimento cuja sistematização da informação reinseriu uma nova cultura de comunicação. Estes primeiros períodos se referem a *comunicação oral*, simbolizada pela emissão da fala e *comunicação escrita*, sintetizada pelas psicografias e o manuscrito. Na revolução industrial, o aprimoramento tecnológico possibilita a *comunicação impressa* com a difusão do manuscrito e maior alcance da informação. Posteriormente, inaugura-se a *comunicação dos meios de massa*, caracterizada pela facilidade de alcance massivo a determinados públicos. Dessa forma, a dinâmica da *comunicação midiática* através de novas pluralidades de mídias comunicacionais fomenta a *comunicação digital* ao possibilitar a informação mediada por um complexo sistema de códigos binários. Embora sejam cronológicas, as eras de interlocuções estão dispostas em convergências.

A partir da *comunicação de massa*, direcionada ao maior número de pessoas de forma massiva, a pesquisadora Lúcia Santaella (2005, 2008) define cinco gerações de tecnologias comunicacionais coexistentes. A primeira geração está relacionada com a inauguração tecnológica da fotografia, do telégrafo, do jornal e do cinema. A segunda, inclui o rádio e a televisão, sintetizam, por sua vez, a cultura de massa. A terceira delas é definida como cultura das mídias pelo advento da TV por assinatura, xerox, fax e videocassete. A quarta geração é estabelecida por redes de computadores ligadas a rede de informática, configura-se a cultura cibernética. Por último, a quinta geração repercute nos aparelhos de comunicação móvel, relacionados à cibercultura. Este artigo é focado na *cultura das mídias e dispositivos tecnológicos na cibercultura*. É nesse contexto, mais precisamente entre a quarta e a quinta geração, que a relação entre mídias reinaugura, de forma mais específica, a possibilidade de um *espaço autobiográfico* mais amplo, podendo abranger o alcance do autorrelato à medida que as produções do “faça você mesmo” interagem com o ciberespaço.

A cultura das mídias está intimamente vinculada à “hibridização” e, conforme notado por Santaella (2008), o termo notabilizou-se no campo da cultura e da sociedade através do antropólogo Néstor García Canclini (1989) em sua obra *Culturas Híbridas, estratégias para entrar e sair da modernidade*. Costumeiramente, o termo é utilizado para retratar a interconexão entre *espaço físico* e *espaço virtual* mediado pela



cibercultura. Revela o entre-lugar demarcado pelo uso de dispositivos móveis, a realidade virtual, as mídias locativas e demais vínculos cibernúdiáticos. Em vista disso, a fronteira entre a vida *offline* e *on-line* das relações socioculturais e as intersecções entre mídias são um ponto de partida que infere a introdução da tecnologia como agente social transformador do cotidiano, na moldura de reorganizações culturais. Predisõem o surgimento de novos hábitos de consumo que podem ocasionar a marginalização social provocada pela ausência da inclusão tecnológica e corrobora, entre tantos fatores, para a produção de identidades e diferenças.

Na década de 1980, as exemplificações de Canclini (1989) sobre culturas híbridas e a imersão epistêmica sobre pós-modernidade denotam transnacionalização de culturas, desenvolvimento de novas tecnologias e crescimento de mídias comunicacionais. As dinamizações culturais entre sociedade e tecnologia eclodem a intensificação do crescimento tecnológico e impacto comportamental do consumo midiático frente ao despontamento de novas plataformas de comunicação e processamento de dados.

Em meados dos anos 1990, houve a eclosão da cultura digital e cibercultura instauradas pelo surgimento da comunicação das redes planetárias incrementadas pela WWW. A *World Wide Web* dispõe de uma imensa rede de mídias interligadas a um sistema eletrônico de comunicação que conecta diversos instrumentos tecnológicos à internet. Dessa forma, a convergência midiática, seus signos e linguagens no mundo digital, as interconexões dispostas no “entre-lugar” de espaços “físicos” e “virtuais” são a hibridização da cibermídia. São transformações dos meios tecnológicos que transformam o consumo das informações e sistematizam novos hábitos e costumes.

Os espaços intersticiais referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro. Assim, um espaço intersticial ou híbrido ocorre quando não mais se precisa “sair” do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais. Sendo assim, as bordas entre os espaços digitais e físicos tornam-se difusas e não mais completamente distinguíveis (SANTAELLA, 2008, p. 21).

Para tanto, Lúcia Santaella (2007, 2008) define *espaços intersticiais*: a dissolução de fronteiras entre o físico e o virtual, de modo a estabelecer um espaço não pertencente nem a um, nem a outro. Entretanto, sintetiza a criação de um terceiro espaço,



simultaneamente vinculado ao físico e virtual, formado através de interconexões entre ambos. Nesse terceiro elemento, ocorre a fusão entre físico/virtual sob mediação de dispositivos móveis na materialização de interfaces sociais que comandam dinâmicas *on-line* e *offline*, ou seja, dentro e fora da rede de internet.

O *ciberespaço* está relacionado com a realidade virtual e visualização de informações, são interfaces gráficas que mediam a intercomunicação de usuários com redes de internet. A *cibercultura* remete a cultura do ciberespaço. Esses dois fatores, por sua vez, transcendem os espaços da vida cotidiana, reinventam as práticas de comunicação, reorganizam novos acessos à informação e à produção do conhecimento. Os cruzamentos entre mídias e assimilação da vida pública e privada reinauguram a pluralidade de saberes, possibilidades de falar sobre si através de uma nova linguagem e instaura um novo dispositivo de confissões para relatar a si mesmo diante das plataformas virtuais.

CIBORGUES, CIBERCULTURA E CIBERESPAÇO: A CULTURA DAS MÍDIAS TRANSMASCULINAS E PUBLICIZAÇÃO DO RELATO DE SI

As mídias virtuais possibilitam autorreconhecimento, sociabilização, alternativas de assumir identidades públicas e promoção de um espaço articulador de saberes. Com relação às transmasculinidades, como notado por Amorim (2016), Ávila (2014), Nery e Maranhão (2013), o *ciberespaço* simboliza um lugar de reencontro consigo, um ambiente que preenche lacunas de vidas estigmatizadas pela rejeição, preconceito e violência. Possibilita a autorreflexão através do olhar do outro, cuja “*persona*” pode se reestabelecer da forma que lhe for conveniente. Entre o espaço físico e o virtual, há de se assumir uma reinserção social, seja na transpublicização de si em ambos os *espaços intersticiais* (SANTAELLA, 2008) ou somente em um deles. Muitos homens trans sentem confortáveis em assumir a identidade *on-line*, no entanto, empecilhos dificultam a exposição da identidade *offline*. As redes sociais emanam identificações e representações que moldam o indivíduo na lapidação de si mesmo.



Na cibercultura, diante da produção de identidades e diferenças, como lembrado por Richard Miskolci (2011), há de se notar “um acolhimento mínimo, mas promissor, de pessoas relegadas a contextos discriminatórios e de expressões individuais de diferenças que a sociedade construída verticalmente tendia a recusar ou relegar à invisibilidade” (p. 20-21). Assim como exemplifica Luís Filipe Oliveira Santos (2009), “o ciberespaço surge como um palco favorável ao desenvolvimento de interações sociais e, desta forma, associado a uma experiência de opressão vivenciada em palcos offline” (p. 253). Dessa maneira, como mencionado por Santos (2009), as mídias virtuais possuem viés terapêutico, onde indivíduos expressam situações cotidianas desconfortáveis, constrangedoras, traumas, inseguranças, aflições, dúvidas e questões que são delicadas de expor na vida *offline*. Sintetizam a libertação de sentimentos aprisionados, forma de distensionar o peso de opressões estruturais. No autorrelato, há reconhecimento do outro, sobretudo, em tensionamentos individuais que se espelham na identificação coletiva. Moldura-se um espaço onde demonstram fragilidades e angústias de sujeitos reprimidos socialmente, cujas apresentações de si lhes foram negadas *offline*, conforme fundamenta Santos (2009):

É neste contexto que o ciberespaço surge como um palco revelador de diferentes experiências contraditórias de poder e, simultaneamente, um palco de exercício de poder associado às identidades e à expressão emocional e afectiva. O mesmo surge como um lugar que favorece a mobilização individual e colectiva, favorecendo sentimentos de pertença e, nesse sentido, (mais) uma “chave” para abrir o armário, denunciando inúmeros paradoxos de uma sociedade que se diz atenta aos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos que lhe dão vida (SANTOS, 2009, p. 16).

Assim, as mídias virtuais instauram também um espaço reservado para aproximação de pessoas que possuem afinidades em comum e procuram por sociabilização, informação e entretenimento. Por vezes, está centralizado no *eu* diante de inúmeros relatos de *outrem* que convergem e divergem no ciberespaço. Neste artigo, houve utilização de algumas mídias virtuais com a finalidade de observação etnográfica de relatos, experiências e subjetividades transmasculinas inseridas na cibercultura. São espaços demarcados por articulações políticas na promoção de debate sobre gênero e sexualidade transinclusivo. Dessa forma, promovem informação de/para pessoas



transgêneras em uma plataforma midiática, circulando pautas emergentes, produção de conteúdo e compartilhamento de autobiografias, visando o acolhimento de pessoas identificadas com tais histórias, na visibilidade de existências constantemente invisibilizadas diante de políticas públicas. Trata-se de sujeitos estigmatizados na construção de um conhecimento socialmente precarizado, marginalizados pela discriminação que usurpam a manutenção de suas vidas.

O espaço reservado à cibercultura transmasculina denota palavras-chave que remetem à relevância da pauta transgênera em sites de busca, redes sociais e produção de conhecimento. A construção do corpo, cirurgias de redesignação sexual, reposição hormonal e indumentária masculina, como notado por Almeida (2012) na aquarela de masculinidades, são descritas com objetividade, autocuidado e admiração por sujeitos que realizam seus desejos. As autobiografias *on-line* participam de uma antropologia visual, as imagens demonstram o poder da transformação do corpo, a visibilidade de marcas que percorrem trajetórias orgulhosas de um corpo amado, acolhido e construído com dedicação. A transvisibilidade emana histórias de vida publicizada, inspirando a importância destes espaços como ambiente de resistência. A persistência é parceira de intensas caminhadas para permanecer dono do próprio caminho.

Esses diários íntimos virtuais, por meio de seu jogo de palavras escancaram as linhas tênues da relação entre público e privado. A escrita dos blogs facilitou o uso das histórias do cotidiano e das narrativas pessoais para produzir, em meio às práticas sociais, um discurso de exibição da intimidade. Enquanto nos diários manuscritos havia uma busca de si por meio da confissão dos seus mais profundos segredos e desejos, mas com um afastamento do olhar alheio, nos blogs temos outro funcionamento discursivo, almeja-se o olhar do outro, é um fazer que precisa ser visto, uma confissão que precisa ser lida. [...] (AMORIM, 2016, p. 39).

A publicização, autobiografia no *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*, estabilizam a influência midiática aos transhomens que fazem destas mídias a sua morada e, sobretudo, sua remuneração. Os veículos multimídias de publicação de conteúdo observado nesta pesquisa remetem a um grande número de postagens sobre construção transmasculina, desdobramentos entre reconhecimento e inspiração. Nestas postagens, o culto ao corpo perfeito se faz presente como construção social nociva tanto aos cisgêneros quanto aos transgêneros que se reconhecem no espectro masculino. Nas



redes, as postagens que mais ganham visibilidade são aquelas cujo corpo se reestrutura no ideal de masculinidade do dispositivo binário. São publicações sobre estas modificações corporais que os tornam visíveis à mídia, como exemplares de um corpo que se assemelha ao homem cisgênero. A cultura de masculinidade normativa é nociva para a transmasculinidade, pois, costumeiramente, reafirma o masculino através de *performances* de estereótipos dispostos de rigidez muscular, corpos delineados com pelos e barba. O orgulho conquistado, itinerários de perseverança. Como sinaliza Ávila:

Ter um corpo musculoso, “sarado”, ao mesmo tempo em que é uma forma de ter um corpo reconhecido como masculino pelo olhar do outro e de si mesmo, pode ser um meio de atribuir ‘saúde’ a um corpo sobre o qual pesam dúvidas por conta da patologização que lhe é imposta (ÁVILA, 2014, p. 170).

Nas mídias sociais, há grande destaque de conteúdo sobre intervenções cirúrgicas, dicas de lojas físicas e virtuais para compra de próteses penianas, faixas torácicas que inibem o volume das mamas e produtos que auxiliam o desenvolvimento de barbas. Há conselhos e dúvidas sobre hormonização, entre prós e contras de cada fármaco disponível no mercado, assim como seus efeitos transgressores no corpo. Facilmente se encontram tutoriais de venda ilegal do produto na internet. Projeções de imagens e vídeos no ritual de renascimento do eu contra si mesmo se fazem presentes através do *antes e depois* da transição, em relatos, orientações e desabafo sobre a travessia transgênera em busca de liberdade para expressar a identidade de gênero que lhe convém. Há desdobramentos pessoais que os impedem de se autoafirmarem transgêneros na infância. A imersão de memórias afetivas e lembranças sobre quem eram na adolescência demonstram a importância do amparo familiar como base fundamental que os inserem à vida. Estes ambientes virtuais são utilizados como redes de apoio, acolhimento e direcionamentos. Um recurso de esclarecimento de dúvidas internalizadas, um espelhamento de inspirações, referências e reflexões sobre experiências compartilhadas entre si.

A subjetividade transmasculina não é imune a *performatividade* do masculino, intrínseca a herança heteronormativa. Está predominantemente constituída no alicerce da cultura branca eurocêntrica, no modelo estético que cultua o corpo engrandecido de massa corpórea através de musculação, suplementos multivitamínicos e alimentação



funcional. A idealização de masculinidade legitimada, estruturalmente, corresponde ao estudo sociológico de Walzer-Lang (2001) sobre a dominação masculina enraizada no estereótipo cultural do que é estabelecido “ser homem.” A *performance* transmasculina tenciona transgressão de normas de gênero subversiva da socialização binária.

Há competição entre ideais de masculinidade exteriorizados na construção do corpo perfeitamente musculoso, fundamentado no “engrandecimento” da condição física e estética de “*passabilidade*” (ALMEIDA, 2012). Isto é, o êxito de assumir semelhança ao cisgênero enquanto homem “legítimo” e, desse modo, despercebido entre os demais homens. Na relação de poder entre homens, independente da classificação de cis ou trans, há notável valorização àqueles conquistadores da masculinidade hegemônica. Por outro lado, há desvalorização de desviantes deste ideal. No jogo de identidades e diferenças, a exclusão recai aos sujeitos que não se hormonizam ou não realizam nenhuma intervenção cirúrgica transmasculinizante, seja por opção ou por trâmites burocráticos do ‘processo transexualizador’⁴.

Como denota Ávila, “ao mesmo tempo em que as imagens de transhomens presentes no ‘espaço biográfico’ podem ser uma forma de resistência aos assujeitamentos do poder médico patologizante, pode também ser uma forma de opressão de uns trans sobre os outros” (2014, p. 171). O perfil robusto, de musculatura enrijecida eminentemente branca, ‘mastectomizado’⁵ e com alguns bons anos de terapia hormonal obtém maior visibilidade na cultura das mídias por suas transformações “bem-sucedidas aos olhos cis”. Tais modificações corporais “perfeitinhas” (ALMEIDA,

4 Em 1997, a Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº. 1.482/97 autoriza somente hospitais universitários a realizarem procedimentos de redesignação sexual. Em 2008, a Portaria nº. 1.707 do Ministério da Saúde inclui a readequação de gênero direcionada para mulheres transexuais no Sistema Único de Saúde (SUS). Em 2010, no que se refere à identidade transmasculina, a Resolução CFM nº. 1.955/2010 autoriza procedimentos de retirada das mamas, ovários e útero em hospital público e privado. O “processo transexualizador” se refere a procedimentos do saber médico/psicológico para que as pessoas trans tenham acesso ao atendimento de saúde transespecífico, à reposição hormonal e intervenções cirúrgicas no Brasil.

5 Com relação às intervenções cirúrgicas transmasculinas, a *Mastectomia masculinizadora* é o procedimento de retirada das mamas; a *pan-histerectomia* é a remoção do útero, trompas e ovários. A *neofaloplastia* diz respeito à construção do pênis, no entanto, ainda inacessível, tendo em vista as complexidades funcionais do órgão construído cirurgicamente. A *metoidioplastia* é mais eficaz e consiste na liberação de ligações internas do clitóris para que ele seja prolongado, entretanto, o resultado do pênis mede cerca de 6 a 8 cm.



2012, p. 519) são almeçadas como símbolo da “transexualidade masculina idealizada” como “porta-voz” da comunidade de transhomens no âmbito midiático.

Uma imagem sexualizada, um ‘corpo fetichizado’ moldado em “qualificações” denotam relevância pelas mídias, tanto no reconhecimento público sobre sua trajetória, quanto no número de seguidores em redes sociais. Este alcance é um fenômeno “abrangente” para mencionar assuntos transmasculinos de modo “mais visível” diante de algoritmos. Estes sujeitos são convidados enquanto representantes da ‘identidade transhomem’ no Dia Nacional da Visibilidade Trans⁶, publicidade “transrepresentativa”, propaganda de próteses penianas, entrevistas e reportagens, canais de *Youtube* e veículos midiáticos. Outras identidades que não desejam intervenção cirúrgica e hormonização, ou não tiveram semelhante “transição bem-sucedida” se tornam figurantes, à margem da plateia de *likes* virtuais.

Nessa observação etnográfica, há, predominantemente, maior visibilidade aos transhomens que se assemelham à construção de identidade cisgênera, essencialmente branca, uma padronização da transmasculinidade em características impostas como “regras” de transição. O cumprimento de “regras” demarca maior ou menor visibilidade do sujeito, número de seguidores, alcance de publicações, elevação do algoritmo em detrimento de outrem. São, portanto, “regras” emolduradas na legitimidade do sujeito. A identidade transmasculina não é limitada, sobretudo, por intervenções cirúrgicas ou reposição hormonal. Há transhomens que se reconhecem enquanto pertencentes do masculino, mas não desejam realizar cirurgias ou se hormonizar. Embora este direito deva ser garantido socialmente, há existência de políticas públicas de combate ao preconceito e incentivo à diversidade. A subjetividade da construção do masculino de cada transidentidade é um trajeto particular mediante escolha e acesso aos procedimentos clínicos e cirúrgicos. A “transição” é, pois, uma trajetória individual.

6 Em 2004, travestis, transexuais e demais ativistas pressionam manifestações no Congresso Nacional para debater políticas públicas de combate à discriminação e violência contra esta população. O Dia Nacional da Visibilidade de Travestis e Transexuais foi reconhecido no dia 29 de janeiro.



Nestes espaços há debates sobre *Linguagem Neutra*⁷ e não-binariedade dentro do transativismo. A linguagem atribuída ao masculino/feminino se readapta, de modo inclusivo e respeitoso na comunicação. Porém, a publicidade transmidiática permanece eurocêntrica, semelhante ao cisgênero como qualificador social de respeito e empatia. A semelhança cis-trans é um fator comovente ao público. Outras identidades distintas destas características padecem do “esquecimento” algorítmico, no alcance midiático influente de “celebridades” reservadas às redes sociais do ciberespaço.

No *Twitter* e *Instagram*, há influenciadores que convergem para transvisibilidade fora da construção da “transexualidade masculina idealizada”. São exemplo, as Pessoas Com Deficiência (PCD) na luta contra o *Capacitismo*⁸, na produção de conteúdo sobre acessibilidade e inclusão social. Há, além disso, homens trans que não se enquadram no modelo padronizado de corpos magros e musculosos, distensionando a punição de corpos “acima do peso”. Existe também inclusão do debate sobre *Gordofobia*⁹, isto é, preconceito e intolerância contra pessoas consideradas “gordas”. Ademais, é recorrente a presença de influenciadores trans indígenas e afro latino-americanos na representatividade, interseccionalidade e diversidade.

Transmasculinidades negras resistem à luz do racismo estrutural, apesar de haver indivíduos marginalizados pela branquitude. O corpo negro recai à ausência de representatividade autobiográfica na mídia hegemônica e na produção de conteúdo. O racismo estrutural acompanha a “transição” de gênero estabelecida em um ritual liminar entre objetificação sexista do corpo “feminino” e transformação da masculinidade preta

7 A *Linguagem Neutra* compõe uma possibilidade linguística e gramatical de desmistificar o binarismo de gênero masculino/feminino socialmente estruturado na linguagem e tem por objetivo incentivar o respeito ao pronome da identificação de gênero para promover comunicação inclusiva entre homens, mulheres, pessoas não-binárias e demais identidades transgêneras.

8 *Capacitismo* configura discriminação e preconceito contra pessoas com deficiência (PCD). O termo se refere à forma pelo qual estes indivíduos são inferiorizados socialmente através da deficiência. Necessitam de acessibilidade para maior independência. Para mais informações é interessante a leitura deste projeto autônomo e voluntário criado para promover inclusão através da difusão da informação. Disponível em: < <https://www.inclusive.org.br/arquivos/29958> >. Acesso: 20/08/2020.

9 *Gordofobia* se refere ao preconceito direcionado a pessoas gordas e obesas, cuja discussão sobre obesidade, saúde e “corpo saudável” se torna epicentro de constrangimento. Alvos de atos vexatórios e humilhantes sobre o corpo considerado “inferior” por estar acima do peso. O cotidiano se estabelece como um desafio frente à imposição estética do corpo ideal socialmente aceitável.



enquanto “ameaça” social. Os homens trans pretos passam a sofrer do mesmo racismo que os homens cis sofrem ao longo de suas vidas, cujas características de masculinidade nociva são atributos sociais no contexto de perseguição, marginalização e violência policial.

Trata-se, portanto, de uma população cercada de olhares receosos, pautados na cor da pele, simetria embranquecedora que qualifica o sujeito na desigualdade racial que os mantém historicamente à margem da sociedade. A herança escravocrata subalterniza identidades negras, enquanto o branco revela alteridade das relações de poder. Os transhomens aliam-se à “*passabilidade*” como autoproteção em ambientes nocivos para se “invisibilizar” diante dos homens. Contudo, em relação à cor da pele, a conduta socialmente racista faz sua morada.

Nos perfis observados em campo, há emergência de homens transgêneros na produção de conteúdo com ênfase no recorte racial e no relato de si frente ao racismo e transfobia no presságio de autoconhecimento. No que se refere a esses indivíduos, a imagem midiática da “transexualidade masculina idealizada” é referência fantasmagórica da identidade transgênera que os perseguem. Durante o encontro consigo, reivindicam particularidades da identidade negra que não estão assimiladas na branquidade, sobretudo, na transformação do corpo, bem como na perspectiva social do transhomem negro na sociedade. Dessa forma, utilizam canais de *Youtube*, perfis de *Instagram*, *podcast*¹⁰ no *Spotify* e *blogs* como *Twitter* para racializar a temática trans, assim como partilhar experiências na busca de representatividade. Simbolizam referências interseccionais entre gênero, sexualidade, raça, classe, entre outros, e tencionam o racismo estrutural.

O autorrelato individual permite uma análise conjuntural, permeada de relatos que convergem ao mesmo ponto. Neste artigo, está centralizado o relato de pessoas que possuem acesso à internet e estão conectadas no ciberespaço através de mídias sociais e

10 Podcast é uma transmissão multimídia de informações auditivas nas plataformas digitais. Semelhante a um programa de rádio, são áudios que disponibilizam episódios sobre algum tema específico. Na produção deste trabalho, acompanhei podcasts produzidos por homens trans/transmasculinos sobre transição, transexualidade, gênero, sexualidade, educação, entre outros assuntos.



dispositivos móveis. Considero, portanto, que muitos transmasculinos não utilizam mídias virtuais, não possuem acesso ou não estão inseridos na inclusão digital. Há de se considerar também que o relato de si pode não ser utilidade central de suas redes de apoio virtual. O sujeito pode utilizar a internet para diversos fins, sem vínculo a alguma articulação política ou publicização da transidentidade pública.

Esta pesquisa foi realizada em perfis públicos de redes de apoio transmasculinas, cujos indivíduos relatam experiências transgêneras e assuntos pessoais. Assim, podemos considerar que nem todo relato poderá ser verdadeiramente autêntico e a confiabilidade do relato poderá ser fruto de uma *persona* furtiva de reinvenções sobre si. Em ambos os parâmetros, o sujeito está intrinsecamente vinculado a suposições exploratórias de si. Nesta observação etnográfica, a análise central dos perfis está assegurada na exposição do indivíduo na internet, independente se a mídia configura um *podcast*, um *post* no *Twitter*, *Facebook* ou *Instagram*. O sujeito está intimamente associado à influência que possui nas multimídias. A publicização do eu é uma resistência à opressão *offline*.

Para tanto, a aproximação tecnológica direcionada aos transhomens dispõe de categórica autointoxicação *farmacopornográfica*, conforme apresenta Preciado (2018). A toxicidade voluntária com testosterona está vinculada à manutenção do corpo, em intervenções cirúrgicas para readequar a identidade como convém. A dinâmica de *micromutações fisiológicas e políticas* emergem experiências de *autocobaia*. Em *Testo Junkie* (2018), o carácter *junkie* vem da língua espanhola *yonqui* e significa “drogado e viciado”. Uma dependência fantasmagórica entre passado e presente do eu contra si mesmo. O filósofo Paul B. Preciado, em autobiografia não tão biográfica, mas *tecnopolítica*, infere sobre sua transexperiência de intoxicação voluntária com testosterona, a experimentação bioquímica reafirma o *manifesto contrassexual* (2002) do sistema binário. Tecnologias de gênero controlam a liberdade do indivíduo na “transição” que define a quantidade de miligramas de um protocolo confiável da sintetização de hormônio e transmutações físicas. A concentração hormonal determina o que se configura “homem” ou “mulher” na regulação tecnológica que reproduz a composição do corpo intramolecular: “Os corpos tecnológicos não estão nem-ainda-vivos ou já-mortos: somos metade fetos, metade zumbis. Assim, cada política de



resistência é uma política de monstro” (PRECIADO, 2018, p. 47). Paul Preciado (2018) revela a tônica entre morte/vida do sujeito, encontros, desencontros e indefinição da identidade de gênero. A presença de testosterona o aproxima da masculinidade; torna-se um “*testo junkie*” profundamente dependente do *testogel*. A ausência de testosterona o aproxima do eu contra si mesmo; a identidade feminina se reaproxima, questiona dualismos entre gêneros. Sinaliza: “esta vida não pode ser entendida como um dado biológico, já que não existe fora das redes de produção e cultura que pertencem a tecnociência. Este corpo é uma entidade tecnoviva multiconectada que incorpora a tecnologia” (PRECIADO, 2018, p. 46). Esta vida não é nem organismo, nem máquina. É, portanto, o entre-lugar, a hibridização. Na década de 1950, alguns intelectuais, conforme Preciado, associavam tecnologias comunicacionais como uma extensão do corpo. A ambiguidade entre humano/artificial instaura um corpo humano-elétrico. Para o autor, não há corpos vivos ou mortos, mas, corpos presentes e ausentes, corpos presenciais ou virtuais. Vincula-se na produção subjetiva virtualizada.

Como menciona Preciado (2018), “o corpo individual funciona como uma extensão das tecnologias globais de comunicação” (p. 47). O indivíduo transcende micropolíticas de resistência enquanto agente de um *manifesto contrassexual* pós-corpo, na subversão do dispositivo de gênero socialmente compulsório. Para tanto, a imagem do *ciborgue* dialoga com a mediação do relato nas mídias virtuais. O sujeito tecnológico é, por sua vez, um extensor do corpo humano-elétrico. O entre-lugar *tecnopolítico* da *persona* transgênera nos *espaços intersticiais* sincroniza um espaço formador de opinião subversivo, bem como o *manifesto ciborgue* de Haraway (2009): “significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (p. 45). A travessia se torna articulação política de reconhecimento do outro. Da experiência, emerge uma trajetória compartilhada. Simboliza a longa travessia do eu contra si mesmo, encontros e desencontros e o renascimento do indivíduo à medida que a tecnológica do corpo determina funções ambíguas, indeterminações fantasmagóricas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora esta pesquisa não esteja centralizada na emergência de “*Influencer Digital*”, o trabalho de campo nas multimídias possibilitou a observação do indivíduo frente às características físicas/estéticas/sociais que acentua o interesse do público em segui-los nas redes sociais, para interagirem entre si, para a publicização do conteúdo realizado em outras mídias e perfis. Neste caso, a produção de conteúdo autobiográfico, seja na literatura clássica, seja nas multimídias, sobretudo, fundamentam narrativas públicas destes sujeitos que viveram presos em repressão internalizada. Enquanto na literatura clássica temos o imaginário como fio condutor da narrativa, nas mídias digitais temos apelo à construção do corpo e imagem, à sensibilidade e à empatia, o carisma que prende a atenção do público e elabora a popularidade do sujeito. A “celebridade midiática”, convites para eventos, entrevistas, séries e *realitys shows* direcionam à representatividade como personagem transgênero em espaços de poder.

Na observação etnográfica, o indivíduo que se assemelha ao “perfil cisgênero” da identidade trans denota maior interesse do público que possui o objetivo de entender como este sujeito “transicionou” o gênero do “feminino para o masculino” e compõe, portanto, a imagem de um “homem impecável e sem defeitos” na estética padronizada da masculinidade bem-afeiçoada na socialização masculina estruturalmente imposta aos indivíduos que nascem com pênis. Transmasculinos brancos ganham notoriedade através da “*passabilidade*” que os “invisibilizam” diante de outros homens. O racismo, por sua vez, é a escala que os afastam dos holofotes, onde as luzes se apagam e o alcance dos algoritmos é mais brando. Logo, a cor da pele é um fator fundamental para a visibilidade do sujeito nas mídias digitais e a branquitude demarca a relação de poder.

O corpo musculoso, “mastectomizado”, sexualizado, barbudo e enraizado em características masculinizantes é uma *performance* que as redes acolhem com mais vigor do que conteúdos mais politizados, com pautas educativas ou questionadoras. No entanto, refere-se às características estruturais da indústria cultural do sexo enquanto produto de mercado, a sexualidade exportada como desejo consumido. O alcance popularizado das mídias digitais diz respeito à constante disputa em quem permanece



com o poder mais influente, utilizando-se de seus melhores atributos para captar a atenção do público na monetização de conteúdo. A partir disso, torna-se explícito que a tecnologia é um elemento extensor do corpo, um poder tecnológico que demarca redes de controle pós-humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 256-266, 2012.

AMORIM, A. S. **Homens (In)visíveis**: a experiência de transhomens brasileiros nas mídias virtuais. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2016.

ÁVILA, S. N. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem**: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. 2014. 243f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2014.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Mexico: Grijalbo. 1989.

CARDOSO, R. O. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: **O Trabalho do Antropólogo**. Sao Paulo/Brasília: EdUNESP/ Paralelo 15, 2000.

CARVALHO, D. **A Reinvenção da Identidade e Transformação da Intimidade**: Travessias tecnológicas de encontros e desencontros do eu contra si mesmo na autobiografia transmasculina. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 1**. A vontade de Saber. Edições Graal. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: 1988.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.



MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**, v. 12, n. 2, p. 09-22, 2011.

NERY, J. W.; MARANHÃO FILHO, E. M. de A. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. **História Agora**, v. 16, n. 2, p. 60-80, 2013.

NERY, J. **Erro de pessoa**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

NERY, J. **Viagem Solitária** – Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

PRECIADO, P. B. **Manifiesto contra-sexual**: prácticas subversivas de identidad sexual. Madrid: Pensamiento Opera Prima, 2002.

PRECIADO. **Testo Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. © n-1 edições, 2018.

SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** — São Paulo: Paulus, 2005. — (Coleção Questões fundamentais da comunicação: 5 / coordenação Valdir José de Castro).

SANTAELLA, L. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. 95 – 101. **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • nº 35 • abril de 2008.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, L. F. O. **Tornar-se homem**: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Educação e Psicologia. Universidade de Minho: Braga, 2009.

SILVA, T. T. Nós, ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.